

SHUTTERSTOCK

I Fórum Brasileiro de Etanol de Milho e Sorgo

Muito aprendizado, grandes desafios

Glauber Silveira*

O evento reuniu mais de 200 participantes – em sua maioria, produtores rurais – para discutir a industrialização dos grãos como alternativa para a produção do combustível. Iniciativa da Aprosoja Brasil e Aprosoja Mato Grosso, com apoio do Sindicato Rural de Sorriso, SENAR-MT, Canal Rural e Novozymes, o evento foi realizado no Sindicato Rural de Sorriso. Chamou a atenção a quantidade de pessoas interessadas e curiosas pelo tema, inclusive dos estados do Mato Grosso do Sul e de Goiás.

Primeiro painel: Políticas públicas para o etanol

Tivemos uma exposição e discussão sobre as políticas existentes para o etanol, com as suas influências na atividade, as propostas de melhorias e novas políticas para o futuro, com foco na sustentabilidade do negócio e incentivo à produção de etanol, inclusive de cereais.

Para o senador do estado do Mato Grosso Blairo Maggi, a produção de etanol a partir de milho gerará subprodutos e contribui para dar equilíbrio à cadeia produtiva. "O problema é convencer o governo da necessidade de linhas de crédito para realizar esses investimentos, além de abrir mão de uma porcentagem do ICMS nos primeiros anos de pagamento", disse ele. O ex-presidente da União de Indústria da Cana-de-açúcar (UNICA), Eduardo Carvalho, ressaltou que a utilização do milho como matéria-prima não representa competição com o etanol de cana. "O que nós não temos é preço. O álcool de milho é um complemento que pode ser importante na redução de custos e

no fator de competitividade. O potencial é enorme.". Neri Geller, secretário de Política Agrícola do MAPA, afirmou trabalhar pela desburocratização e a viabilidade do financiamento junto aos órgãos públicos.

Para o presidente da Federação da Agricultura de Mato Grosso (Famato), Rui Prado, os R$ 700 milhões de recursos disponibilizados pelo governo federal para custear o prêmio dos leilões de milho foi uma boa solução para a comercialização da produção. Mas, para ele, essa não pode ser uma política sustentável por muitos anos. De fato, quando se faz uma retrospectiva da quantidade acrescida na produção de grãos do estado, para fazer uma projeção para os próximos quatro anos, a colheita atual de 50 milhões de soja e milho poderá saltar para quase 100 milhões de toneladas futuramente. "Não vejo como conseguirmos, a cada ano, os prêmios necessários para continuarmos nesse modelo", afirmou Prado.

Já segundo Laércio Lenz, presidente do Sindicato Rural de Sorriso, da produção estadual de milho do estado, 3,5 milhões de toneladas têm como origem o município. Essa alta produção poderia ser destinada tanto para etanol, quanto para alimentação. Mesmo assim, os produtores ainda não usam toda a capacidade de produção de suas propriedades, desmotivados pelo baixo preço, próximo de R$ 10 a saca. "O destino do milho para etanol é uma boa alternativa, principalmente para essa região. Como a cultura é viabilizada economicamente, o produtor investirá para aumentar a produção e agregar valor na cultura", disse Lenz.

Normando Corral, vice-presidente da Famato e produtor de cana-de-açúcar, considera um bom negócio acoplar uma usina de milho à de cana, pois é possível utilizar parte da energia gerada pelo bagaço de cana na produção do etanol de cereal. "Isso é o futuro, e o Mato Grosso pode contribuir muito com a fonte renovável de energia tanto da cana, quanto do milho, em função de seu grande potencial", comentou Corral.



Marcelo Duarte, diretor executivo da Aprosoja-MT, destacou a importância, neste momento, de se pensar na competitividade do etanol de milho em relação ao de cana, em termos da aplicação das políticas públicas de fomento, os mercados a ser atendidos e o preço a ser pago pelas usinas às matérias-primas. Essa colocação é oportuna, como bem ressaltou o presidente do Sindalcool-MT, Piero Vicenzo Parini: "até 2015, o Brasil precisará de mais quarenta usinas para suprir a necessidade de etanol de cana.".

Aproveitamos para enfatizar a relevância de se agregar valor ao cereal do Mato Grosso. Frisamos a inexistência de competição entre a produção de etanol de milho e a produção de alimentos. A ideia, na verdade, é trabalhar com o excedente do cereal e, ainda, resolver o problema logístico. Mas, o principal seria a produção inteligente de biocombustível junto a um produto altamente proteico, como o DDGS.

Segundo painel: *Cases* de sucesso e novos projetos

O Mato Grosso conta com dois exemplos bem sucedidos. A Usimat, que opera no município de Campos de Júlio, é a primeira usina *flex* do Brasil e do mundo em cana e cereais, em seu segundo ano de funcionamento. Segundo o seu presidente, Alfredo Scholl, os recursos de investimento foram próprios, cerca de R$ 47 milhões. Para a safra 2013/14, deve produzir cerca de 30 milhões de litros de etanol e 15 mil toneladas de DDGS a partir de aproximadamente 85 mil toneladas de milho. Possui novos projetos de ampliação, como o da Usina Rio Verde, em Goiás. A Libra, situada em São José do Rio Claro, inicia a sua produção, com uma unidade acoplada à outra, de produção de etanol de cana-de-açúcar. Os seus investimentos chegarão a R$ 35 milhões.



Terceiro Painel: Viabilidade econômica do etanol de milho/sorgo

Segundo o superintendente do Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (IMEA), Otávio Celidonio, tanto uma usina *flex*, onde há produção de etanol de milho e cana-de-açúcar, quanto uma usina *full*, que produz somente etanol de milho, são viáveis. "Para converter uma usina de cana em *flex*, que consome 500 toneladas de milho ao dia, o empresário investirá cerca de R$ 18 milhões; para construir uma usina *full*, o consumo é da mesma quantidade, com investimento de R$ 45 milhões", calcula Celidonio.

Ainda segundo ele, além do preço do cereal, o mercado do DDGS é crucial para definir a viabilidade do projeto, já que o subproduto representa 80% do preço do milho. Como se utilizarem o milho até um preço de R$ 22 por saca as usinas *flex* estarão viáveis, o negócio fica interessante também para os produtores, com preços de R$ 8 por saca de milho.

Para Odacir Klein, presidente do Fórum Nacional do Milho, a chave está justamente na 2ª safra de milho no Mato Grosso, que pode trazer problemas pelo excesso de produção, mas que é extremamente necessária. Na safra 2012/13, o Brasil consumiu 52,34 milhões de toneladas e gerou um excedente de 29,00 milhões, bem acima da quantidade registrada em 2011/12, de 5,17 milhões.



Quarto painel: Tecnologias e subprodutos, desafios tecnológicos e de mercado

Houve a apresentação dos desafios em termos de tecnologia, como os novos processos disponíveis para a produção e redução dos custos de etanol, a partir de várias matérias-primas. A produção de etanol em uma usina *flex* pode ser feita por vários processos, inclusive sem a necessidade de separação na fase de mosto, com a mistura direta do material gerado no processamento da cana com o do milho.

No processamento de cereal para a produção de etanol, o grande destaque é a ICM, uma fabricante de equipamentos do Kansas, que construiu 122 das 200 usinas de etanol dos EUA. A empresa domina a tecnologia para extrair um DDGS de alto teor proteico, que é competitivo até frente ao farelo de soja. Existe uma rota especializada na obtenção tanto de produtos ricos em fibras para alimentação de ruminantes, quanto pobres em fibras e mais ricos em proteínas para aves e suínos.

Brasil: Evolução da produção de milho (em milhões de toneladas)

Safra	2002/03	2011/12	2012/13
1ª	34,77	12,61	47,38
2ª	35,92	21,59	57,51
Total	**35,15**	**46,18**	**81,34**

Fonte: Conab

Durante o processo para a produção de etanol a partir de amido de milho e sorgo, outros nutrientes (proteínas, minerais e carboidratos) oferecem subprodutos utilizados na alimentação do gado, chamados grãos secos de destilaria com solúveis (DDGS). Trata-se de uma alternativa nutricional tanto para a bovinocultura de corte, como para a de leite. Na América do Norte, mais de 80% de DDGS são usados na alimentação de ruminantes.

Terminamos os trabalhos com a sensação clara de que a produção de etanol a partir de milho durante a entressafra da cana, nas usinas *flex*, é um processo irreversível. Há tecnologia e matéria-prima suficiente; basta saber se estamos dispostos a encarar esse desafio. Enfim, aprendemos muito e constatamos a possibilidade de usar o excedente do milho no Brasil não só como matéria-prima para a produção de etanol. Na verdade, eventos dessa natureza ajudam a levantar, encontrar e propor soluções. ■

*Presidente da Aprosoja Brasil